

Entre os casos de neologismos semânticos, podemos destacar a Operação Genitora que prendeu um homem que chefiava um negócio do tráfico com seus irmãos. Segundo a notícia, o nome foi uma referência à mulher que deixou como herança para os três filhos o controle do tráfico de drogas das bocas de fumo. Os empréstimos mais comuns são oriundos do inglês (operações American Dream, Firewall, For All e Reset) seguido pelos provenientes do grego (operações Aletheia e Argos Panoptes). Identificamos denominações que são epônimos, ou seja, foram inspiradas em personagens de desenhos animados como a Operação Dick (nome inspirado no personagem Dick Vigarista), Ope-

ração Liga da Justiça e Operação Mandrake II. Filmes também inspiraram denominações como a Operação Krull e a Operação Triplo X. Os casos de nomes inspirados em topônimos são: Operação Carajás, uma alusão ao bairro de Contagem, Operação Faixa de Gaza, Operação Triângulo das Bermudas, Operação Samoa e Operação BH Segura. Acreditamos que os recursos linguísticos utilizados na criação dos nomes das operações, presentes no *corpus* de estudo, são empregados com a finalidade de causar algum efeito, como o de ressaltar a importância da ação policial, chamar a atenção por meio do humor ou por meio de nomes imponentes, uma vez que esses nomes circulam na imprensa.

97

A LINGÜÍSTICA DE CORPUS EM INTERFACE COM ANÁLISE CONTRASTIVA E PRESSUPOSTOS DA TRADUÇÃO: UMA POSSIBILIDADE DE AUXÍLIO PARA PROMOÇÃO DE AUTONOMIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA – ESTUDO DE CASO NO CAMPUS XIV DA UNEB

Lavine Cunha

Universidade Estadual da Bahia

lavinediilima@gmail.com

Neste ensaio trataremos de diferenças morfossintáticas entre Língua Portuguesa (LP) e Língua Inglesa (LI), especificamente *adjetival orders*. Através da abordagem da Análise Contrastiva (AC) (Fries e Lado, 1957),

e pressupostos da tradução (Baker, 1992), em interface com a Linguística de Corpus mostraremos como o professor pode adquirir maior autonomia durante aquisição de LI quanto ao comportamento dos adjetivos.

110

ELABORAÇÃO DE UM PROTÓTIPO DE GLOSSÁRIO BILÍNGUE (PORTUGUÊS-INGLÊS) DE TREINAMENTO DE FORÇA: SUBSÍDIOS PARA O TRADUTOR

Márcia dos Santos Dornelles

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

marcia@esef.ufrgs.br

O terminógrafo, ao elaborar um produto terminográfico bilíngue baseado em *corpus*

para tradutores, deve preocupar-se não só em repertoriar, nas duas línguas, os termos

próprios de uma (sub)área do conhecimento, mas também em apresentá-los inseridos em suas combinações típicas, ou seja, associados aos elementos que a eles se combinam em nível sintagmático, de forma recorrente nos textos daquela especialidade. Isso porque o tradutor precisa produzir um texto de chegada adequado ao padrão de linguagem em foco, de forma a espelhar o *modus dicendi* daquele campo. Assim, seu texto soará natural à comunidade de leitores, evitando-se ruídos na comunicação. Para tanto, assim como um biólogo precisa explorar o meio em que vive seu espécime de estudo para entender o comportamento deste, também o terminógrafo precisa conhecer o *habitat* dos termos: o texto especializado. Nesse sentido, o conhecimento das propriedades do gênero textual em estudo qualifica um produto terminográfico, considerando que os termos e demais elementos a ele incorporados, como as fraseologias especializadas, os contextos definitórios e os exemplos de uso, extraídos de seu âmbito natural de emprego, ajudam a compor os modos de dizer desse gênero. Somente dessa forma um produto terminográfico tem chances de ser aceito pela comunidade da área. Em síntese, o gênero textual é um elemento condicionante do perfil das terminologias. Com esses pressupostos e diante da falta de produtos terminográficos bilíngues no âmbito do Treinamento de Força, especialmente dirigido a tradutores brasileiros, esta pesquisa de mestrado (Dornelles, 2015b) teve como objetivo central apresentar bases teórico-metodológicas consistentes para a elaboração de um glossário de Treinamento de Força na direção português→inglês, destinado especialmente a tradutores, mas útil também para pesquisadores e estudantes dessa temática que precisem produzir artigos científicos em inglês. Os objetivos secundários, todos alcançados, foram (a) oferecer um protótipo do glossário, composto de guia do usuário, uma árvore de domínio em português do

Treinamento de Força, lista de termos em português e 30 exemplares de fichas terminológicas em formato estendido; e (b) oferecer uma descrição do comportamento das unidades terminológicas em português e inglês, e das unidades fraseológicas especializadas (UFE) eventivas (Bevilacqua, 2003; 2004) em português nos artigos sobre Treinamento de Força. Como referencial teórico, valemo-nos dos princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e dos fundamentos e diretrizes da Linguística de Corpus (LC). Seguir a TCT (Cabré, 1999a; 1999b; 2001a; 2001b; 2003; 2009) implica adotar o termo como objeto central de estudo e concebê-lo, antes de tudo, como uma unidade lexical da língua natural que adquire valor especializado dentro de um contexto especializado, segundo critérios semânticos, discursivos e pragmáticos. Seguir a LC (Berber Sardinha, 2004; Biber, 2012) implica uma visão probabilística da língua, pressupondo que, embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência. Ganham, ainda, realce no estudo os temas do artigo científico como gênero textual especializado; da variação terminológica (Freixa, 2002; 2014); da tradução como processo (Hurtado Albir, 2008); da competência tradutória (Pacte, 2011); e da equivalência funcional (Gémar, 1998; Nord, 1998). Nosso *corpus* de estudo é constituído de 70 artigos – originais e de revisão – de periódicos científicos de destaque no âmbito do Treinamento de Força, escritos originalmente em português e inglês. São, portanto, dois *subcorpora*, um em cada língua, que são comparáveis. Os periódicos, todos online, foram recomendados por um consultor especialista em Treinamento de Força. A busca inicial dos artigos foi feita nas páginas eletrônicas das revistas na base de dados SciELO (artigos em português) e no Portal de Periódicos da Capes (revistas em inglês), pelos assuntos “treinamento de força” e “*strength training*”, respectivamente. Nas listas de arti-

gos resultantes por revista, selecionamos aqueles publicados a partir de 2002. Após, com o auxílio do consultor, excluímos os textos que pareciam descolar o tema do Treinamento de Força do âmbito da Educação Física, ou seja, não focavam o treinamento em si. Eliminamos, assim, artigos de pesquisas com animais; artigos com enfoque clínico; e aqueles mais inseridos no campo da Bioquímica. Para exploração e análise do *corpus*, utilizamos o software AntConc (Anthony, 2011), especialmente as funcionalidades *keyword list*, *n-grams* e *concordance*. Como material de apoio, utilizamos livros-texto e artigos científicos de referência sobre Treinamento de Força, um glossário particular preexistente de Educação Física, a Terminologia Anatômica Internacional (SBA, 2001), o Google Acadêmico, o Wikipédia, entre outros. Os critérios para o fichamento das unidades terminológicas foram a distribuição e a frequência no *subcorpus* em português; a pertinência temática e a pertinência pragmática (Maciel, 2001); o encaixe na árvore de domínio; e a existência de pelo menos um equivalente em inglês, preferencialmente no *subcorpus* em inglês. Como resultados da investigação, oferecemos um protótipo de glossário composto de árvore de domínio em português, com uma população de 71 unidades terminológicas (UT) e uma amostra fichada de 30 UT (42,25%); Guia do usuário; uma Lista de termos em português, com 30 UT-lema e 89 UT variantes; 30 fichas terminológicas; e 78 termos em inglês, sendo 30 equivalentes preferenciais e 48 variantes. A microestrutura da ficha terminológica, baseada nas propostas de Fromm (2007) e Teixeira (2008), contempla os seguintes itens: unidade terminológica (UT) em português; sigla/abreviatura/acrônimo/fórmula/símbolo, conforme o caso; informação gramatical; frequência da UT no *corpus*; área e (sub)domínio; número de posição na árvore de domínio (com *hyperlink* para a árvore); figura; *link* para vídeo (p. ex., para demonstrar um

exercício); definição simplificada em português; outras definições, com as fontes; variante(s) em português, com remissiva (*hyperlink*), frequência no *corpus* e observações sobre uso; equivalente(s) em inglês com a frequência e observações sobre uso; fraseologia(s) em português; equivalente(s) em inglês das fraseologias; exemplo(s) de ocorrências em português e inglês; UT relacionadas, com remissivas (*hyperlink*) para as respectivas fichas; notas de uso; notas de tradução; e dados de revisão da ficha. Como características da terminologia do Treinamento de Força em artigos científicos, quanto à sua morfosintaxe, verificamos um número bastante mais elevado de UT polilexicais (85% em português e 86% em inglês) em relação às monolexicais (9 e 8%) e às siglas/abreviaturas (6% nas duas línguas). As estruturas mais recorrentes nos termos em português foram quatro: N + prep (+ art) + N (34%), p. ex., intervalo de recuperação; N + ADJ (30%): pesos livres; N + N (6%): rosca bíceps; N + ADJ + ADJ (6%): força máxima isométrica. Em inglês, as estruturas mais recorrentes foram cinco: N + N (35%): *strength training*; ADJ + N (18%): *free weights*; ADJ + N + N (8%): *single-joint exercises*; N + V (6%): *biceps curl*; ADJ + ADJ + N (5%): *maximum isometric force*. As UFE eventivas em português não foram numerosas como esperávamos, mesmo adotando uma frequência/distribuição não muito alta, como é a 2/2. Por esse critério, encontramos 33 unidades no *corpus* de estudo. As ferramentas do AntConc mais utilizadas para o seu reconhecimento foram as *concordances*, seguidas dos *clusters*. Os núcleos eventivos com nominalizações foram três vezes mais frequentes que com verbos e quatro vezes mais frequentes que com participios. Veja-se: nominalizações: 21 UFE (64%), como em prática de treinamento de força, combinação {de/das} variáveis do treinamento, aumento {da/na} intensidade do treinamento, execução {de/dos} exercícios de força; verbos: 7 UFE (21%), como realizar

(um) treinamento de força, determinar a intensidade do treinamento, executar [NUM] séries, etc.; e particípio: 5 UFE (15%), como treinamento de força realizado, número de repetições completadas, unidades motoras recrutadas. Há certo grau de variação (comutação) também nos núcleos eventivos das UFE, o que não afeta sua estabilidade semântica nem as descaracteriza como unidades semifixas. Certos núcleos eventivos das UFE carregam um valor terminológico que se equipara ao de seus núcleos: p. ex., recrutamento/sincronização de unidades motoras. Destaca-se, ainda, nos resultados desta pesquisa e de outros três estudos exploratórios anteriores (Dornelles, 2014a; 2014b; 2015a) uma expressiva variação terminológica intra e intertextual, nas duas línguas. Algumas UT apresentam, ao mesmo tempo, variação denominativa e uma sutil variação conceitual. Em português, cada UT-lema apresentou de 0 a 7 variantes. Quanto aos tipos de variação (cf. Freixa, 2002), encontramos a lexical: 31 variantes (53%), como nos pares treinamento de força/treino de força; exercícios de força/exercícios resistidos; extensão de joelho/extensão de perna(s); por redução: 12 (20%), como em rosca scott/rosca bíceps scott; bar-

ra livre/barra; hipertrofia muscular/hipertrofia; morfossintática: 7 (12%); gráfica: 7 (12%), como em volume do treinamento/volume de treinamento; extensão de joelho/extensão de joelhos; força máxima isométrica/força isométrica máxima; e complexa (lexical e redução concomitantemente): 2 (3%), em treinamento de força/musculação e treinamento de força/treino resistido. Em inglês, cada equivalente preferencial apresentou de 0 a 5 variantes. Os tipos foram lexical: 21 variantes (43%), como nos pares *strength training/resistance training*; *rest period(s)/rest interval(s)*; gráfica: 11 (23%), como em *repetition(s)/rep(s)*; *repetition maximum/RM*; *multi-joint exercise(s)/multijoint exercise(s)*; por redução: 8 (17%), como em *training variables/training program variables*; *concentration curl/biceps concentration curl*; e morfossintática: 8 (17%), como em *rest period(s)/resting period(s)*; *muscle power/muscular power*. A pesquisa contempla, então, uma parte teórica e uma parte aplicada que se inter-relacionam e se inserem na dupla face da Terminologia, visto que há uma descrição de uma linguagem especializada a partir de um dado ponto de vista teórico e o desenho de um produto concreto.